

Prefácio

A *villa* romana de Rio Maior, cujos mosaicos se estudam nesta obra, é um edifício singular na sua concepção arquitectónica. Aliás, pelo que em Portugal se vai conhecendo, parece-nos ter existido, no Baixo-Império, uma considerável variedade de formas na arquitectura das *villae*. Basta comparar esta de Rio Maior com as do Rabaçal (Penela), Pisões (Beja), S. Cucufate (Vidigueira), Torre de Palma (Monforte) ou Milreu (Faro). Tal variedade demonstra muita invenção e diferença de arquitecto para arquitecto e desmente uma eventual “normalização” ou “standardização” da arquitectura doméstica rural tardo-imperial.

Por outro lado, a riqueza destas *villae* desmente também qualquer suposta decadência económica do séc. IV, por grandes que possam ter sido as dificuldades financeiras aos vários níveis da administração pública. Também a riqueza das *villae* não exclui a possibilidade de se terem acentuado no séc. IV as distâncias entre os abastados e os apenas remediados ou mesmo pobres e de se terem gerado tensões sociais responsáveis pelos movimentos dos *bagaudae*. Não podemos ainda deixar de ponderar a hipótese de algumas das *villae* terem sido construídas e decoradas com um luxo não alicerçado em fortunas suficientemente sólidas, isto é, um tanto acima das reais posses dos seus proprietários.

Não foi objectivo prioritário de Cristina Fernandes de Oliveira estudar a arquitectura da *villa* que, aliás, só se acha parcialmente escavada. Mas é muito meritório o esforço feito para imaginar o aspecto que teria a *pars urbana* quando era edifício habitado (e não, como hoje, apenas com raros vestígios dos seus muros).

A atenção da autora centrou-se nos mosaicos da *villa*, que descreve, analisa e compara com rigorosa metodologia e amplos conhecimentos da arte musivária romana. Foi o método adquirido na frequentação dos trabalhos que J. Lancha tem conduzido em Portugal, no âmbito da Missão Luso-Francesa “Mosaicos do Sul de Portugal”. Leituras muito amplas permitiram a Cristina Fernandes de Oliveira uma aprofundada análise dos mosaicos, que justamente salienta as influências ou inspirações norte-africanas ou orientais, aliás visíveis em muitos outros lugares da Península Ibérica. Não se pode, é certo, supor, em Rio Maior, a presença de artífices vindos da África do Norte ou do Oriente e mais fácil é admitir, como a autora sugere, imediatos contactos com a Meseta ou até com a capital provincial, Mérida (se não com cidades como *Olisipo* ou *Scallabis*, *Eburobrittium*, *Collipo* ou *Sellium*, de cujos mosaicos sabemos muito pouco ou mesmo nada).

Apesar das dificuldades que a autora encontrou pelo facto de não ter sido possível limpar os mosaicos tanto quanto seria desejável, a reprodução gráfica e a análise cromática são de grande qualidade.

Se os mosaicos da *villa* de Rio Maior são apenas de mediana arte e execução técnica, o conjunto afigura-se-nos um interessante exemplo da arte musivária da segunda metade do século IV d.C. Só estilisticamente os mosaicos puderam ser datados, pois, na impossibilidade da sua remoção para conservação e restauro, não se escavaram os leitos de preparação do seu assentamento e permanecem ignorados os materiais que em tais leitos se poderão vir a achar e precisarão a cronologia. Mas, inteligente e bem documentada, essa análise estilística permitiu uma convincente datação.

A qualidade da monografia agora apresentada justifica inteiramente a sua publicação. Possa ela chamar a atenção para a necessidade de se proceder a uma valorização do sítio como património visitável. Desejamos também que, afirmados, com esta obra, os créditos de Cristina Fernandes de Oliveira como jovem especialista neste campo da arte romana, lhe possam ser proporcionados os meios de prosseguir, noutros lugares, o estudo dos mosaicos romanos de Portugal, nos últimos anos objecto de algumas notáveis publicações mas, na maior parte, ainda inéditos ou insuficientemente publicados.

JORGE DE ALARCÃO